

Meus antepassados chegaram ao Nordeste, vindos de Lisboa, por volta da segunda metade do séc. XVIII. Atraídos pela riqueza do gado – que se expandia pelas vargens do Piauí desde o tempo dos Jesuítas –, ali chegavam para montar grandes fazendas.

Naquele tempo, a então "Província do Boi" era muito deserta, embora os caminhos e veredas dos vaqueiros já se estendessem por chapadões, caatingas, vargens e azulados carnaubais. Na parte oeste o rio Parnaíba, de sua nascente à foz no Atlântico, limitava a província com a do Maranhão.

Muitos portugueses pretenderam fixar-se naquelas terras do verde mágico da estação chuvosa. Mas, o período seco que principia em julho e se estende até dezembro, vai amarelecer campos e caatingas, as árvores e arbustos vão perder suas folhas, os rios – com exceção do Parnaíba e de um ou dois de seus afluentes – secam suas águas, restando deles, aqui e ali, apenas estrangulados poços. O pardo vem a ser a cor dominante e o calor contínuo chega muitas vezes aos 40°. Aqueles colonos, na sua maioria, habituados ao doce amanho ¹ da terra portuguesa, não iam suportar a sequeidão, os espinhos, a crueldade de um sol dominante nessas paragens barbaramente belas. Voltavam a seu Portugal ou debandavam em busca de outras terras.

O certo é que os Pereira da Silva se fixaram no Piauí e formavam entre as cinco ou sete primeiras famílias de povoadores. Compunham aquela minoria que, com galhardia ², enfrentava a estranha terra e por ela tomava-se de amor.

O que sei, desses meus ascendentes, foi baseado em caderninhos de anotações de família, caderninhos que foram crescendo e passando de geração a geração. Outros dados me foram fornecidos pelo Gen. Moisés Castello Branco e se baseiam, principalmente na obra "Apontamentos Genealógicos de Dom Francisco da Cunha Castello Branco", de Antônio Leôncio Pereira Ferraz, Raul Fausto Castello Branco, Estêvão Gonçalves e outros (edição de 1926, impressa na Oficina Industrial Gráfica R. Nascimento, Rio de Janeiro).

¹ Dar amanho a; cultivar, lavrar, agricultar. Arranjar, aprontar, preparar. Preparar de acordo com determinadas regras. Ataviar, adornar, enfeitar. Arranjar-se, compor-se, enfeitar-se, adornar-se, ataviar-se. Acomodar-se, aviar-se.

² Qualidade de galhardo; garbo, elegância, bizzaria. Grandeza de alma; generosidade, gentileza. Valor, bravura.

Segundo os "caderninhos de família", o primeiro **Pereira da Silva** a vir para o Brasil (Piauí) fora Antônio, natural de Lisboa, brasonado e Cavaleiro da Ordem de Cristo. Nessa aventura o acompanharam dois primos: Luís Carlos Pereira de Abreu Bacelar e Antônio Carlos, irmão deste. Os três eram solteiros e, chegando em terras do Piauí, compraram escravos e domaram índios. Então, como foi dito acima, estabeleceram-se na nova terra em fazendas de gado, entre estas, a famosa "Serra Negra". Valença tornou-se numa espécie de feudo³ dos três jovens portugueses.

Sabe-se que Antônio Carlos Pereira de Abreu Bacelar casara-se com Dona Ana Pulquéria do Mont'Serrat Castello Branco. O moço, porém, vem a falecer com um ano de casado e então o primo Antônio enamora-se da viúva e com ela casa-se, quando a triste já amargava dois anos de viuvez.

Já nos "Apontamentos", encontramos a notícia da vinda de não um só Antônio, mas dois, pai e filho. E não fala em fidalguias, mas de homens influentes na Corte⁴ (portanto, entre outros talentos, o da riqueza...). Daí Antônio (o I) ter conseguido para o filho Antônio (o II), formado em Coimbra, a nomeação para Ouvidor⁵ Geral em Oeiras.

Antônio Pereira da Silva, o I, era casado com Dona Maria da Purificação, augusta senhora de prendas domésticas. Antônio gerou três filhos na sua Purificação: Antônio, o II, Francisco e Maria. Penso que todos nascidos em Portugal.

Francisco Pereira da Silva casa-se com Dona Isabel Josefa da Conceição e, quando o irmão Antônio vem a falecer, torna-se seu substituto como Ouvidor.

Maria Pereira da Silva vem a casar-se com José Vieira de Carvalho (o II).

Antônio, que foi Ouvidor Geral durante vinte anos e Presidente da Junta em 1776, era casado com Dona Ana Pulquéria do Mont'Serrat Castello Branco. O pai desta chamava-se João do Rêgo Castello Branco e era a moça bisneta de D.

³ Propriedade nobre ou bens rústicos, que o senhor de certos domínios concede mediante a condição de vassalagem e prestação de certos serviços e rendas.
⁴ A residência de um monarca; paço. As pessoas que habitualmente cercam um soberano. Cidade onde este reside. O governo de um país monárquico, em relação ao de outro país. O conjunto de pessoas que cercam outra(s), procurando agradar-lhe(s).
⁵ Aquele que ouve. Juiz especial adjunto a certas repartições públicas. No período colonial, o juiz posto pelo donatários. Antigo magistrado com as funções do atual juiz de direito.

Francisco da Cunha Castello Branco. Tiveram vários filhos e entre estes, João José, Félix, Ana Joaquina, Maria Benedita e Raimundo.

João José Pereira da Silva era sacerdote. Félix Pereira da Silva (o I), chamado Félix do Colégio, por ter fundado, em Valença, o primeiro colégio. Era homem letrado, com estudos feitos no Recife. Casara-se com Dona Cecília Ciríaco de Jesus. Raimundo Pereira da Silva, também casado (embora não se saiba, até agora, o nome da mulher), nascera por volta de 1793. Foi Coronel Comandante do Regimento de Cavalaria e era também conhecido como Raimundo do Colégio – a mesma alcunha ⁶ do irmão –, só que este colégio era em Oeiras. As duas filhas de Antônio tinham, ambas, o nome (sobrenome) da mãe: Ana Joaquina Castello Branco e Maria Benedita Castello Branco. Porque era costume as filhas herdarem o nome materno, ou porque, casadas, perderiam o nome dos Pereira da Silva, o certo é que, prevalecendo a segunda hipótese, seria maneira ardilosa de Antônio homenagear a sua doce Ana Pulquéria. Ana Joaquina vem a casar-se com Luís Pereira Ferraz de Moura e Maria Benedita com Carlos César Burlamaqui.

Dos dois primos que vieram com Antônio, os "Apontamentos" sobre a família Castello Branco não incluem o nome de Antônio Carlos Pereira de Abreu Bacelar, como consta das anotações dos "caderninhos". Se Antônio Carlos era realmente casado com Ana Pulquéria e viera a falecer um ano depois do casamento, a viúva vindo a casar-se com Antônio Pereira da Silva, certamente a Comissão responsável pelos "Apontamentos" ou não tivera acesso a essa fonte ou o Antônio Carlos dos "caderninhos da família" fora confundido com Antônio, o II.

Nos "Apontamentos", Luís Carlos Pereira de Abreu Bacelar é também português, Capitão-mor ⁷ de Campo Maior e casado com Arcângela da Cunha Castello Branco, neta de D. Francisco. Este, que só tivera três filhas, conseguira do marido de sua caçulinha Clara dar a seus descendentes o nome de Castello Branco, evitando, assim, a extinção, no Brasil, da famosa dinastia.

É também citado um Claro Luís Pereira de Abreu Bacelar, senhor influente na então vila de São João da Parnaíba. Claro Luís, possivelmente, era irmão de Luís Carlos.

⁶ Cognome geralmente depreciativo que se põe a alguém, e pelo qual fica sendo conhecido, tirado de alguma particularidade física ou moral; apelido, apodo.

⁷ Autoridade que, numa cidade ou vila, comandava a milícia chamada ordenanças. Título que tinham os donatários das capitâneas.

4

O meu ramo vem de Félix I (o do Colégio), casado com Cecília Ciríaco de Jesus, natural de Jerumenha. Entre os demais filhos que geraram estão Ana, João e Félix (o II). João Pereira da Silva casou-se com a moça Belisa e tiveram uma única filha: Adeline Ursulina Pereira da Silva. Félix Pereira da Silva, o II, casou-se com Augusta Ferraz e geraram: Constança, Alfredo, Solon, Jeremias, Isaías, Ana, Teodora, Propércio (médico) e Isaac.

→ # 43439 → (Bisavô do OLAVO PEREIRA DA SILVA FILHO?)

Solon Pereira da Silva, meu avô, casou-se com Florinda Rosa de Santana Castello Branco e geraram: Augusto, Euclides, Félix (o III), Jefferson, José Solon, Isaías e Ambrosina. Com o falecimento de minha avó Florinda, Solon vem a casar-se com Maria de Jesus Nogueira Castello Branco (Dona Zuca) e tiveram os filhos: Jeremias, Álvaro, Clóvis, Alzira e Florinda (Lousinha).

Isaías Pereira da Silva, meu pai, casa-se em 1905, com Antônia Marques Cardoso e, seus filhos, em ordem de nascimento, são: Florinda (Silá), Jandira, Maria da Ressurreição, Odette, Francisco das Chagas, Maria Solimar e Maria de Nazareth.

Assim, com seu núcleo no Piauí, ia expandir-se os Pereira da Silva por todo o Brasil, numa incessante marcha de quase dois séculos e meio. E, como foi dito no início, ela formava entre as primeiras famílias a se estabelecerem, como povoadores, na áspera terra nordestina. E porque eram poucas, ou para que não houvesse dispersão de suas riquezas, essas famílias foram se entrelaçando pelo casamento. Pereira da Silva mais Castello Branco, mais Ferraz, mais Carvalho, mais Martins.

Não sei se por moda, ou porque viviam uma heróica saga⁸, batizavam os filhos varões com pomposos prenomes de profetas bíblicos, imperadores, estadistas, nobres e sábios gregos e romanos. Jeremias, Isaías, Moisés, Solon, Demóstenes, Ulisses, Lisandro, Propércio, Milcíades, Augusto, Cícero e até o papalino Félix. Claro que os belos nomes tão usados em Portugal não foram esquecidos. Antônio, Joaquim, Manuel, Pedro, José, João, Luís, Raimundo, Francisco. Nas mulheres, nada de romanas e gregas, exceção para uma Augusta ou Helena ou até uma bizantina Teodora e, mesmo assim, quase sempre precedidos do doce nome de Maria. Ana e Maria, eis os mais usados pelo mundo cristão! Maria da Purificação, Ana Pulquéria, Maria de Jesus, Maria José, Cecília, Isabel, Joaquina, Benedita, Antônia, Florinda, Elvira. No tempo da escravidão, os

⁸ Designação comum às narrativas em prosa, históricas ou lendárias, nórdicas, redigidas sobretudo na Islândia. nos sécs. XIII e XIV. Cancão baseada nalauma dessas narrativas.

primogênitos, em geral, ganhavam de suas doces mucamas ⁹ e babás, os carinhosos apelidos de Sinhô, Sinhá, Sinhazinha, Nhonhô, Donana, Dengosa, Neném.

→ Meus antepassados, que cheguei a conhecer, pertenciam a uma raça de homens altos, louros na maioria, alegres e festeiros. As mulheres, também altas e por vezes louras, tinham, em geral, cabelos negros e castanhos, belos olhos, claros ou escuros, a tez de um branco macio e amorenado. Eram retraídas, discretas, passivas, como rezava a moral do tempo. Espero que, apesar do tempo e dos costumes, tenha havido belas exceções, a daquelas bravas que romperam a barreira do preconceito.

Como toda família, a dos **Pereira da Silva** também não foge à regra: há, entre seus membros, varões ilustres e salafrários não menos, inteligentes e pouco inteligentes, alfabetizados e analfabetos, doutores e roceiros, políticos e militares, artistas e artesões, cantadores, repentistas, religiosos, ateus e contemplativos. E mais importante: patriotas, participantes, no Brasil Colônia, de todas as revoluções libertárias, incluindo a Balaiada, pós-Independência. Talvez o viver simples do fazendeiro-vaqueiro, o galopar no seu cavalo rasgando o cipoal das caatingas para atingir os vastos horizontes, tenha marcado em seu coração o forte sentimento de liberdade.

Apesar da predominância do fazendeiro na segunda metade do séc. XVIII e, um século depois, o prenúncio da decadência das fazendas, que se torna patente a partir das duas primeiras décadas deste século, o mundo rural ainda perdura na alma dos **Pereira da Silva**. Pressente-se entre seus membros uma inaptidão para o viver urbano. Neles, mora ainda a alegria do vaqueiro na pega de um barbatão ¹⁰ que é miragem. A quebra de uma cultura. Esta a tragédia que envolveu a geração de meu pai e, certamente, atingiu a minha geração. A chamada geração do pós-guerra (1945), misturada a outras raças e mergulhada num mundo industrializado, já não se sente, acredito, a nostalgia do moço vaqueiro e seu barbatão.

As "anotações" falam de família brasonada ¹¹. É possível, creio, mas seria necessário uma vasculhada nos arquivos de Lisboa. Eu não sou de me amarrar em linhagens, mas não ignoro o fascínio das quinquilharias na vaidade do mundo.

⁹ A escrava negra moça e de estimação que era escolhida para auxiliar nos serviços caseiros ou acompanhar pessoas da família, e que, por vezes, era a ama-de-leite.

¹⁰ Rês que, criada no mato, se fez bravia.

¹¹ Ornar com brasão; blasonar.

Tanto assim que me proponho descrever um escudo que, possivelmente, possa alegrar a maioria da minha gente. Sim, um escudo para a família. Um escudo que tenha a forma retangular, com a parte inferior ovalada e dividido em três faixas horizontais, melhor, três campos com as seguintes cores, a partir de cima para baixo: goles ¹² (o vermelho) simbolizando a solidariedade; blau ¹³ (o azul), a beleza e sinopla ¹⁴ (o verde), a esperança. Encimando ¹⁵ o escudo uma Pereira ¹⁶ de prata!

Com o declínio das fazendas os alegres parentes mais se fixavam no braço real (o que não deixa de ser uma reação natural), ainda, criaram o lema: "cavalo bom, rede e mulher". Hoje, não mais veleidades ¹⁷ de brasão ou dengo-de-rede. Pereira da Silva é povo, uma gente transada e colorida, bem diferente das gerações passadas. São inquietos e curiosos de novos horizontes, talvez mais próximos dos Antônios do séc. XVIII.

Rio de Janeiro, Dezembro, 1981.

→ **Francisco das Chagas Pereira da Silva**

¹² Esmalte vermelho, figurado no desenho por traços verticais.

¹³ Que tem a cor azul dos brasões.

¹⁴ A cor verde dos escudos, representada em traços diagonais que, partindo do ângulo inferior direito, vão até o ângulo superior esquerdo.

¹⁵ Colocar em cima de. Estar situado acima de. Ser o remate de; rematar, coroar.

¹⁶ Árvore da família das rosáceas (*Pyrus communis*), originária do hemisfério norte e cultivada universalmente pelos excelentes frutos edules, que são uma espécie de baga múltipla, visto procederem de vários pistilos de uma mesma flor.

¹⁷ Vontade imperfeita, hesitante; intenção passageira. Pretensão, intenção. Quimera, fantasia. Volubilidade, inconstância; leviandade, irreflexão.